

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

O FIM DE VIDA DA TRAJETÓRIA PERMEADA PELA VULNERABILIDADE SOCIAL: A INTERRUPÇÃO DO FAZER E A URGÊNCIA DO EXISTIR

Rafaela Novis Edington (rafaelanovis@gmail.com)

A experiência do adoecimento em fim de vida, quando situada em contextos de vulnerabilidade social, desvela modos de ser-no-mundo historicamente constituídos sob a primazia do fazer, da responsabilização precoce e da restrição de possibilidades existenciais. Este trabalho tem como objetivo refletir, a partir da experiência clínica de uma psicóloga atuante em enfermaria de cuidados paliativos de um hospital municipal em São Paulo/SP, sobre a dificuldade de pacientes em acessar e nomear dimensões de si para além das obrigações em contexto de internação e importante comprometimento funcional. Observa-se que, ao serem convidados a falar sobre si, muitos pacientes sustentam narrativas centradas no trabalho, na maternidade, no cuidado de terceiros e no cumprimento de responsabilidades, apresentando dificuldade em reconhecer outras experiências. O adoecimento surge como uma das primeiras rupturas efetivas na continuidade da rotina, suspendendo o fazer habitual e convocando o sujeito a retomar sua trajetória, confrontar perdas e reconhecer possibilidades até então não vividas. A compreensão fenomenológico-existencial, inspirada especialmente nas discussões sobre temporalidade,

facticidade e possibilidade de Heidegger, permite compreender que tais experiências não se reduzem a uma ausência de repertório individual, mas expressam modos de existir configurados em horizontes sociais nos quais determinadas possibilidades sequer chegaram a constituir-se como vivíveis. O adoecimento desorganiza referências cotidianas e convoca o sujeito ao confronto com a finitude e a indeterminação do porvir. Também observa-se que a projeção ao futuro pode operar como sustentação do existir com sentido, mesmo quando limitada pelo avanço da doença. Nesse horizonte, emergem narrativas dirigidas a desejos outrora adiados, renunciados ou nunca alcançados, como viagens, retomada de vínculos, experiências de descanso ou mudanças de vida - ainda que tais possibilidades não se concretizem no plano fático. A atuação da psicologia orienta-se pela promoção de um espaço de escuta que favoreça a emergência desses sentidos, sem prescrição de modos de viver, possibilitando reconhecimento de si e construção de sentidos no tempo restante. Considera-se que o cuidado ao fim de vida, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, exige reconhecer as determinações históricas e sociais que atravessam o existir sem reduzir a experiência humana a elas, ampliando o cuidar para além da dimensão biomédica.

Palavras-chave: cuidados paliativos; vulnerabilidade social; fenomenologia; fim de vida; existência.